



CAPITAL SOCIAL, GLOBALIZAÇÃO E A CULTURA DO BOI-BUMBÁ EM PARINTINS/AM

Denise Bentes Soares¹
Márcia Helena Nascimento Braga²

RESUMO: O processo de globalização trouxe para a arena de debates diversos fatores que constituem as relações sociais, econômicas, culturais e políticas. Este estudo enfatiza a cultura do boi-bumbá em Parintins/AM enquanto elemento fundamental na construção da identidade, valores e crenças com foco na análise das transformações econômicas e socioculturais, a partir da ideia de capital social. Utilizou-se de pesquisa bibliográfica e documental acerca da historicidade da cultura do boi-bumbá. Nos últimos anos o investimento pelas empresas privadas, travestido de incentivo a cultura, modificou as estruturas do festival folclórico, potencializando como um espaço para o *merchandising* de seus produtos.

Palavras-Chave: Capital Social, Cultura, Globalização, Parintins.

ABSTRACT: The process of globalization has brought into the arena of debate several factors that constitute social, economic, cultural and political relations. This study emphasizes the boi-bumbá culture in Parintins/AM as a fundamental element in the construction of identity, values and beliefs with a focus on the analysis of economic and sociocultural transformations, based on the idea of social capital. We used bibliographical and documentary research on the historicity of the boi-bumbá culture. In the last years the investment by the private companies, masked of incentive of culture, modified the structures of the folkloric festival, potentializing as space for the merchandising of its products.

¹ Mestranda em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia – PPGSS/UFAM. Pós-Graduada em Direito e Proteção Social pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz – FACIBRA (2016), Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2016). E-mail: denise_bs-1@hotmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia – PPGSS, na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Bacharel em Serviço Social pela Faculdade Paulista de Serviço Social –FAPS; Especialista em Políticas Pública da Saúde pela Universidade de São Paulo-USP e professora do Curso de Serviço Social da Faculdade Estácio do Amazonas. Email: [yna20@hotmail.com](mailto:ynae20@hotmail.com).

Keywords: Social Capital, Culture, Globalization, Parintins.

1 INTRODUÇÃO

O processo de globalização trouxe para a arena de debates diversos elementos que envolvem as relações sociais, econômicas, culturais e políticas. Pode ser caracterizada como um fenômeno complexo que repercute de diferentes formas, no tempo e espaço. Por isso, não há como pensar o Festival Folclórico de Parintins dissociado desse processo, uma vez que se torna relevante discutir os fatores que alteram os padrões econômicos e socioculturais de determinada localidade.

Entendemos que a cultura está relacionada ao estilo de vida de diversos grupos sociais, à tradição, costumes, crenças, transformações. Engloba valores, percepções, imagens, formas de expressão e comunicação, além de outros aspectos que definem a identidade de um povo. Conforme Nogueira (2013) “as formas de expressão artísticas a que chegaram o boi-bumbá, o Carnaval e o forró levam à compreensão de que as manifestações culturais se renovam na quantidade, qualidade e velocidade em que se intercomunicam”.

Considerando todos esses aspectos, cabe destacar que este estudo propõe uma discussão crítica em relação aos fatores que envolvem a cultura do boi-bumbá em Parintins e sua transformação em um mega evento folclórico de visibilidade internacional, impactando de forma exponencial na organização econômica e sociocultural daquela localidade.

Para isso, a metodologia se constituiu em uma revisão de literatura no sentido de evidenciar os aspectos relevantes acerca da historicidade da cultura do boi-bumbá em Parintins, bem como pesquisa documental acerca dos investimentos feitos por empresas multinacionais na realização do evento.

2 NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO: cultura e capital social

As transformações ocorridas nas últimas décadas constituem um elemento importante, no sentido de compreender que o mundo globalizado, onde as inovações

tecnológicas cada vez mais aprimoradas, também impactam a realidade de diferentes culturas e sociedades. Não obstante, o termo “globalização” adquiriu diferentes conotações, pois “no limite ela é considerada como uma força irresistível e benéfica que trará a prosperidade econômica a todos os habitantes do mundo. No outro extremo, vê-se nela a fonte de todos os males contemporâneos” (Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização, 2005).

Barbosa (2001) aponta que mesmo em culturas mais fechadas, a globalização se faz presente por meio de acessos e outros valores culturais e políticos. Trata-se, portanto, de um processo em curso, dinâmico e mutável. As inovações tecnológicas se intensificaram e, conseqüentemente, acarretaram mudanças na organização social e cultural. Esse processo foi alavancado ainda por um fator determinante: a abertura às empresas multinacionais.

De acordo com Pereira (1981) a implantação das empresas multinacionais no mercado brasileiro não se deu de forma natural ou impensada. Foi perfeitamente arquitetada pela elite tecnoburocrata por perceberem que a presença dessas empresas era a melhor garantia para a sobrevivência do capital.

Benayon (2006) afirma que a entrada das multinacionais nos países periféricos determinou uma relação de dependência ao capital estrangeiro, além de conferir a essas empresas um nível de superpoder nas decisões sobre grande parte dos investimentos. Portanto, “a ideia de desenvolvimento é um simples mito” (FURTADO, 1961) fortemente veiculado pelas multinacionais, com auxílio da grande mídia, adotado pelos estados no intuito de beneficiar as elites capitalistas.

Em meio à crise do pensamento convencional sobre o desenvolvimento, vinculado de forma pujante à economia, nas últimas décadas têm sido colocados novos caminhos a partir de diferentes perspectivas. Nesse processo, entra em cena o debate sobre a ideia de capital social, que engloba as dimensões social e cultural.

Consideramos aqui o entendimento de cultura como tudo aquilo produzido pela humanidade, desde artefatos e objetos até ideais e crenças (SILVA; SILVA, 2006). De acordo com Morin (2002, p. 56) podemos entender a cultura como “um conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, controla a existência da sociedade e

mantém a complexidade psicológica e social”. É, portanto, todo complexo de conhecimentos e habilidade humana empregada socialmente.

As inter-relações entre cultura e desenvolvimento surgem potencializadas ao revalorizar os elementos silenciosos e invisíveis, mas claramente operantes que envolvem a ideia de capital social. Para Kliksberg (2001, p. 113) “o capital social e a cultura começaram a instalar-se no centro do debate sobre o desenvolvimento não como adições complementares a um modelo de alto vigor que se aperfeiçoa um pouco mais com eles”. Por ser uma discussão recente, não há um consenso em relação à definição do termo em voga.

Apoiamo-nos, assim, nas discussões de Putnam (1994, apud KLIKSBURG, 2001) ao considerar que o capital social está relacionado ao grau de confiança existente entre os atores sociais de uma sociedade, as normas de comportamento cívico praticadas e o nível de associatividade que a caracteriza.

Entenda-se que o capital social pode ser considerado um elemento importante no processo de desenvolvimento, desde que seja compreendido na sua essência para o bem comum. Dessa forma, fazemos uma reflexão acerca do Festival Folclórico de Parintins, referendando a importância de inserir o debate sobre o capital social como fator necessário para o desenvolvimento local, articulando os fatores econômico, social, cultural e político pensados de maneira estratégica, sem danos à memória e a essência da cultura local.

3 ASPECTOS TRANSFORMADORES NA CULTURA DO BOI-BUMBÁ EM PARINTINS/AM

A cultura de um povo nos remete às suas crenças, valores, identidade, ideologias, atitudes e modos de ser e viver. Dentre as várias dimensões, que esta pode ser articulada, destaca-se o folclore popular. Para Morin (2002, p. 56-57) em cada cultura existe “um capital específico de ideias, crenças, valores, mitos e, particularmente, aqueles que unem uma comunidade singular a seus ancestrais, suas

tradições, seus mortos”. É o caso do Festival Folclórico de Parintins³. Trata-se, atualmente, de uma das maiores manifestações culturais brasileiras que exalta tradição e a identidade do povo da região amazônica, que acontece todos os anos, no mês de junho, representado pela disputa dos Bois Caprichoso e Garantido.

Entretanto, antes de chegar ao *status* de “maior espetáculo a céu aberto” que é hoje, faz-se necessário apresentar de forma substancial o processo de transformação da brincadeira de roda do boi bumbá ao atual Festival Folclórico.

Segundo Tenório (2016) o Boi-Bumbá de Parintins tem suas origens a partir do Bumba-Meu-Boi, trazido do Maranhão, e se funda na poética jesuítica do Auto do Boi⁴. Tenório (2016) organiza a história em três períodos: o boi-de-roda (1917-1975) que tratava unicamente do Auto do Boi conforme o teatro jesuítico. A brincadeira se configurava de forma simples: os bois saíam às ruas, pela cidade, bailando e cantando ao redor das fogueiras e até meados da década de 60, a disputa acontecia na forma de versos de desafios. Um grupo integrante da Juventude Alegre Católica (JAC), liderados por Raimundo Muniz, Xisto Pereira e Lucinor Barros, tiveram a iniciativa de realizar um festival folclórico que reuniria o maior número de manifestações culturais folclóricas no município.

No segundo período denominado de boi-de-palco (1975-1995), a brincadeira do boi-de-roda dá lugar ao Festival Folclórico de Parintins. Em decorrência disso, há o surgimento de novos elementos de pontuação (atualmente chamados de itens), regulamentos, mas ainda sob o fundamento do legado jesuítico configurado no Auto do Boi. A partir de 1977, passou a ser gerenciado pela Prefeitura Municipal de Parintins, com base no Decreto nº 02/77, assinado na época pelo prefeito Raimundo Reis Ferreira. Dada a nova configuração do evento e o crescimento do público que prestigiava a festa, em 1987, o governador da época Amazonino Mendes deu início a construção de um espaço específico para a realização do Festival. Em 1988 a obra foi

³ Parintins é um município do interior do estado do Amazonas, que apresenta uma população de aproximadamente 102.033 habitantes, segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010)

⁴ O Auto do Boi se definiu, a princípio, como uma comédia satírica de cunho religioso, utilizada pelos jesuítas como instrumento de “cristianização aos índios entrelaçada aos ais da escravatura negra, entre os demais enfoques epopeicos”. No Boi-Bumbá o Auto do boi é contado pelo enredo de um rico fazendeiro ter presenteado sua filha com um precioso boi, a qual o entregou aos cuidados de um vaqueiro (Pai Francisco) de confiança. Entretanto, sua esposa (Catirina) grávida desejou comer a língua do boi, ao passo que o vaqueiro lhe satisfez o desejo e matou o boi. O fazendeiro (Amo) enfurecido manda chamar o Pajé para ressuscitar o boi (TENÓRIO, 2016).

inaugurada com o nome de “Centro Cultural Amazonino Mendes”, sendo popularmente conhecida como Bumbódromo e constitui o espaço onde os bumbás se apresentam até os dias atuais. Há cerca de quatro anos passou por um processo de ampliação e modernização.

Por fim, o terceiro período é definido como boi moderno (1995 até os dias atuais), o qual destacamos neste estudo para sinalizar a proporção que tomou o Festival Folclórico de Parintins, a partir de múltiplos elementos que incidiram não somente na organização da festa, mas numa cidade e na cultura de um povo.

O crescimento do Festival Folclórico de Parintins acarretou certa dificuldade para o município gerir a infraestrutura do evento. Em razão disso, o então governador do estado Amazonino Mendes trouxe a responsabilidade de organização do evento para a esfera do governo estadual. De acordo com Azevedo (2000), no intuito de tomar para si essa missão, em contrapartida o estado visualizava colher o bônus políticos resultantes da magnitude que o evento alcançava. Dessa forma, o trabalho desenvolvido a princípio de maneira “voluntária, às vezes até amador, cede lugar a um sistema organizativo formal sob a ótica [...] que o boi precisa acompanhar a dinâmica imposta pela nova mercantilização da produção capitalista” (AZEVEDO, 2000, p. 41).

Foi nesse contexto que, em 1995, o Governo do Estado passou a não somente dispor recursos financeiros, como também assumir a coordenação do evento folclórico. O Festival Folclórico de Parintins, desde então, está inserido no Calendário Oficial de Eventos do estado do Amazonas, e desde 1999 encontra-se ao encargo da Secretaria de Estado de Cultura (SEC). Nesse mesmo ano, a empresa multinacional Coca-Cola tornou-se patrocinadora oficial do Festival Folclórico de Parintins tendo como lema “patrocinar é acreditar”, além do patrocínio da “Caixa Econômica Federal, Cerveja Schinkariol, Rede Amazônica de Televisão” (TENÓRIO, 2016, p. 246).

Em decorrência da grandiosidade e força que o evento ganhara surgiram, nos anos seguintes até os dias atuais, patrocínios por parte de outras empresas, de caráter nacional e multinacional. Podemos citar que, nos três últimos anos (2015, 2016 e 2017), além da Coca-Cola, os incentivos financeiros partem também das empresas Bradesco, Petrobras, Ambev (Brahma), Correios, Eletrobrás, Vivo, Hapvida, dentre outras. Segundo Azevedo (2000), a Coca-Cola destinou aproximadamente 18 (dezoito) milhões de reais até os anos 2000. Neste ano de 2017, de acordo com o Jornal A

Critica (2017) a Coca-Cola renovou o patrocínio com as duas associações folclóricas para a realização do Festival de Parintins, repassando R\$ 1.250.000 para cada boi, somando um total de R\$ 2.500.000. Além disso, o governo do estado liberou incentivo de R\$ 1 milhão para cada associação folclórica.

Outro fator determinante para notoriedade do evento foi a inserção das emissoras de televisão. Em 1995 transmitido pela Rede Amazônica de Televisão. Nos anos 2000, pela TV A Crítica, da Rede Calderaro de Comunicações. De 2008 a 2013 a Rede Bandeirante de Televisão – BAND, potencializa a transmissão do evento a nível internacional (TENÓRIO, 2016). No ano de 2017, a transmissão da 52ª edição do Festival Folclórico de Parintins ficou a encargo da TV A Crítica e TV Cultura. Vale ressaltar ainda que, com os avanços tecnológicos, a internet também se transformou em um instrumento de divulgação da cultura do boi-bumbá em Parintins.

Observa-se que essa nova ordem redesenhou de forma significativa o contexto sociocultural e político, que visualizou na cultura do boi-bumbá “um potencial gerador de riqueza, empregos e incentivos fiscais” (AZEVEDO, 2000), ou seja, um campo fértil para o marketing cultural. Isso pode ser notado na estratégia utilizada pelas empresas de alterar as cores de suas marcas para o vermelho e o azul (cores oficiais de Garantido e Caprichoso, respectivamente) para comercialização de seus produtos, considerando o aumento exponencial do lucro em época de Festival em Parintins.

Importa-nos evidenciar que as mudanças, até mesmo de valores e referências, provocadas pela inserção de novas configurações na festa do boi-bumbá, trazem malefícios e benefícios. Podemos afirmar que a captação de recursos e o crescimento do festival também agudiza os problemas socioambientais como resultado do evento: Tráfico de drogas, prostituição, exploração sexual, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), poluição ambiental, violência, dentre outros.

Sobre os aspectos positivos e qualitativos, esse processo trouxe benefícios no sentido de dar visibilidade a uma manifestação cultural, que foi projetada a um *status* de reconhecimento nacional e internacional, e também a quem produz e dá sentido a festa, nesse caso os artesãos e artistas. Segundo Azevedo Filho (2016) ao mesmo tempo em que as luxuosidades e riqueza das alegorias, fantasias e demais detalhes que compõem o evento foram sendo incorporados, os artistas parintinenses ganharam notoriedade vindo a ser contratados por grupos carnavalescos do Rio de Janeiro e São

Paulo. Além disso, durante o Festival os bumbás proporcionam centenas de empregos diretos e indiretos, contratando trabalhadores nas mais diversas áreas como: músicos, artesãos, artistas plásticos, dançarinos, costureiras e etc.

Percebe-se que a interação entre a economia e a cultura aparece de forma macro nas relações sociais e de produção durante a preparação e realização da festa. Isso é fator primordial para se pensar o desenvolvimento em todos os seus aspectos a partir do capital social. Pois, conforme aponta Kliksberg (2001, p. 115):

O capital social e a cultura são componentes-chaves destas interações. As pessoas, as famílias, os grupos, são capital social e cultura por essência. São portadores de atitudes de cooperação, valores, tradições, visões da realidade, que são sua própria identidade. Se isso for ignorado, saltado, deteriorado, importantes capacidades aplicáveis ao desenvolvimento serão inutilizadas, e serão desatadas poderosas resistências. Se, pelo contrário, se reconhecer, explorar, valorizar e potencializar sua contribuição, pode ser muito relevante e propiciar círculos virtuosos com as outras dimensões do desenvolvimento.

Ao discutir esses elementos e relacioná-los com a ideia de capital social, buscamos chamar a atenção para o resgate e valorização da festa do boi-bumbá enquanto riqueza cultural da região amazônica. A cada ano a cidade se regenera, se reconfigura e se refaz. E por essa dinâmica complexa os conflitos oriundos de interesses antagônicos de classes, transfigurados em projetos que não tem raízes e substância terrena amazônica, e nem mesmo brasileira, desnudam o Festival Folclórico de Parintins e o sujeita às intempéries de um mundo cada vez mais globalizado.

Por essas razões, é preciso compreender, portanto, que a lógica do mercado não pode transcender a cultura produzida pelo boi-bumbá. Não se pode perder de vista a tradição e aniquilar sua essência enquanto espaço criador de mitos e representações, sociabilidades e identidade do povo amazonense, e em particular de Parintins.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de globalização alterou significativamente as relações econômicas, sociais e culturais nas diferentes localidades, pautado no desenvolvimento e expansão do modelo capitalista. Esse processo se evidencia no Festival Folclórico de Parintins, que a partir da década de 90, com a abertura e inserção de parcerias de

empresas multinacionais no investimento para realização do evento, altera o cenário de uma festa simples e local para um gigantismo de reconhecimento internacional.

É inegável que o fomento ao Festival Folclórico de Parintins, tanto pelo estado como por empresas nacionais e multinacionais, deu visibilidade ao evento e gerou benefícios ao município. Percebemos que no decorrer desse processo a brincadeira de roda perdeu espaço para as grandiosas encenações das lendas e rituais amazônicos, e pela introdução de novos itens com apoio de recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados. Essa nova forma de brincar de boi influenciou diretamente na economia e na identidade cultural da localidade.

Outro fator refere-se a grande mídia televisiva, que no ano de 2003, é determinante para alavancar o evento para uma dimensão de nível internacional: é “Parintins para o mundo ver”. É, na verdade, uma festa popular que se tornou tradição, exaltando cultura e luxuosidade, atraindo milhares de turistas e empresas multinacionais, que transformam a cidade em uma grande indústria de *merchandising* por meio da cultura regional.

A partir disso, é válido avaliar e questionar os fatores que culminam na apropriação do evento folclórico enquanto produto para geração de lucro por grandes empresas, a partir dos benefícios e malefícios que representa a abertura dada ao capital global. Desse modo, reiteramos que o capital social é um elemento central para se pensar o desenvolvimento, em todas as suas dimensões, de forma sinérgica ao evento que acontece todo ano no mês de junho em Parintins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Luiza Elayne Corrêa. **Boi Bumbá de Parintins: Cenários na Pós-Modernidade e sua Inserção no Marketing Cultural**. Dissertação apresentada do Curso de Mestrado em Administração da Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, 2000.

AZEVEDO FILHO, João D’Anuzio Menezes de. Turismo em Parintins: festival, ecoturismo e contradições. In: **Parintins: sociedades, territórios & linguagens**. Estevan Bartoli, Charlene Muniz e Renan Albuquerque (Organizadores). Manaus: EDUA, 2016.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. **O mundo globalizado, Políticas, Sociedade e Economia**. São Paulo – SP: Ed. Contexto, 2001.

BENAYON, Noval. **Subordinação Reiterada: imperialismo e subdesenvolvimento no Brasil**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2006.

Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização (2005). Por uma Globalização Justa: Criar Oportunidades para Todos. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-774-221-1.

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

JORNAL A CRITICA. **Festival de Parintins renova patrocínio com multinacional e apoio do Governo do AM**. Paulo André Nunes. Manaus/AM, 2017. Disponível em: <<http://www.acritica.com/channels/parintins-2016/news/festival-de-parintins-renova-patrocinio-com-multinacional-e-apoio-do-governo-do-am>>.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Edgar Morin – 1921. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. 6ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

NOGUEIRA, Wilson de Souza. **A espetacularização do imaginário amazônico no boi-bumbá**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Manaus–Am, 2013. Disponível em: <https://www.google.com.br/#q=wilson+nogueira+tese+de+doutorado>. Acesso em 01 jul. 2017.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Estado e Subdesenvolvimento Industrializado**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo - SP: Ed. Contexto, 2006.

TENÓRIO, Basílio. **A cultura do boi-bumbá em Parintins**. Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2016.